

resenhas educativas

uma revista de resenhas de livros



Baptista, Isabel (2005). *Dar rosto ao futuro: a educação como compromisso ético*. Porto, Portugal: Profedições.

155 pp.

ISBN 972-8562-15-2

Resenhado por Paula Hunt
Michigan State University

Agosto 24, 2006

Em *Dar rosto ao futuro – a educação como compromisso ético* é uma recente obra (2005) de Isabel Baptista leva o leitor numa viagem filosófica e crítica da educação em Portugal. Ao longo da jornada, a autora discute as questões filosóficas da profissão de docente através da ética, moral e/ou deontologia, levando o leitor a fazer uma análise crítica dos conceitos de educação, aprendizagem, prática e identidade profissional. A obra está dividido em cinco secções, cada qual subdividida em capítulos, a prefazer um total de 18 capítulos.

A primeira secção, intitulada *De que falamos quando falamos de*, encaminha o leitor para a distinção entre os conceitos de “ética”, “moral” e “deontologia”: uma distinção absolutamente imprescindível no desenrolar deste texto. A autora decompõe dois conceitos frequentemente usados como sinónimos e demonstra, de forma eficaz e clara, que a ética é “a reflexão sobre os princípios que devem nortear a acção humana”, enquanto que a moral se associa a regras de conduta “consideradas adequadas de acordo (...) com os princípios que tivermos em referência”(p. 22). A autora demonstra claramente que ética e moral são parceiras e não sinónimas. A deontologia considerar-se-á “uma moral estritamente profissional” que constitui parte fundamental de qualquer identidade profissional. A ética docente fica assim situada no campo das “éticas aplicadas”, ou seja aquelas que se desenvolvem em torno de sociedades em perpétua mudança. A autora dá ainda exemplos dos elementos que constituem a base da ética aplicada.

A segunda secção deste texto é intitulada: *Questões e Tarefas da Ética Contemporânea* e é, a meu ver, uma análise concreta e sem preconceitos do mundo global em que nos encontramos, e da conjuntura da profissão docente. A autora faz referência a uma conciliação entre autonomia pessoal e identificação com a comunidade através de um “compromisso ético” que exalta a democracia, a humanidade e o balanço entre passado, presente e futuro. O docente tem como tarefa fazer uso do passado de modo a nutrir o presente e a “dar rosto ao futuro” de forma pessoal, comunitária e global, como participante e moderador tendo em conta liberdade, normas, regras, acção solidária, hospitalidade, civismo e tolerância como considerações implícitas e imprescindíveis da “vida em comum”. A autora faz aqui ainda uma pausa para reflectir sobre o carácter único de cada um,



professor e aluno, e o papel da responsabilidade e a proximidade que possa existir entre ambos. Faz-se referência pela primeira vez aos sistemas de organização e gestão da educação como pontos fulcrais da ética, uma questão que é abordado em maior detalhe nas secções seguintes.

Na terceira secção do livro: *Educação, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano*, a autora discute a educação como “desafio ético” ou acção que é “intencionalmente direccionada para a promoção da humanidade em cada homem” (p. 59). Assim sendo, e sendo o homem responsável pelo seu próprio e constante desenvolvimento, a obtenção dessa humanidade só é possível quando “forem superadas as desigualdades no acesso à educação” (p. 60). Aqui faz-se uma distinção entre pedagogia escolar e pedagogia social, e a autora perspectiva a escola como campo paralelo a outros saberes, e não como alternativa ou instituição em vias de extinção. A educação pretende-se dinâmica, inclusiva e em constante interação com a restante vida social: uma educação onde impere a cooperação entre a família e a escola, de modo a alcançar-se uma “verdadeira comunidade educativa” (p. 69). A autora faz ainda referência à “vigilância ética” ou seja à necessidade de equilibrar a missão pedagógica com a individualidade de cada um.

Na quarta secção do texto: *Ética e Prática Profissional* a autora aborda vários temas de interesse. O primeiro, isto é “o dever da antecedência”, é o abrir das portas da possibilidade. O docente é responsável por organizar, promover e incentivar todo um conjunto de medidas que favorecem o desenvolvimento pessoal, em “actualização permanente” (p. 87). O segundo, “o dever da autoridade”, é um tema constantemente abordado, mas frequentemente não consensual. A autora discute autoridade, autonomia, intenção e influência, e visita de novo o equilíbrio necessário entre a relação pessoal e profissional docente/aluno. Este equilíbrio entre o campo afectivo e o pedagógico é constante e fundamentalmente ético. A autora continua a sua análise, do particular para o geral, fazendo uma abordagem às gestões escolar e curricular, ambas de carácter ético. A organização escolar, deve ter como principal objectivo “valorizar a centralidade do humano em todas as dimensões do processo pedagógico” (p. 97). A escola assume o seu teor social e promove uma cultura social e globalizante, e simultaneamente promove a individualização e a valorização independente de cada aluno e da sua própria comunidade. A autora defende a ideia da “ética como sabedoria da acção”, contribuindo para que a escola seja uma entidade sabedora e “aprendente” (p. 100), em constante reflexão sobre o passado, o presente e o futuro. Solicita o envolvimento e compromisso com o desenvolvimento das comunidades, especificamente da escola como comunidade social, através do estabelecimento de normas democráticas, trabalho cooperativo e “valorização mútua” (p. 103), e apresenta ainda 7 princípios de gestão. A gestão curricular é abordada do ponto de vista da “interrogação ética”. Pretende-se que o ensino seja diferenciado, centrado no aluno e no seu contexto, o que requer constante reflexão e tomada de decisões de cariz ético. A deontologia é primordial no desempenho das funções de professor, independentemente das propostas pedagógicas ou rigor académico. A autora cita Meireu (2002) e sintetiza as exigências da profissão numa simples frase: “A educação é obrigatória mas a aprendizagem é sempre um acto voluntário – um acto de liberdade”. É neste contexto que Isabel Baptista descreve a indissociabilidade do acto de aprender do acto de ensinar e apresenta ao leitor um conjunto de tensões circunscritas à gestão curricular: local/global, universal/singular, tradição/modernidade, curto/longo prazo, competição/igualdade, produção/assimilação, espiritual/material e ensinar/aprender. O quinto tema aborda a “ética e a formação profissional”, e discute a formação profissional como meta deontológica, individual, e da responsabilidades de cada docente “para consigo mesmo, para com os educandos e também para com os colegas”. A autora apresenta-nos um docente em constante aprendizagem, que assume responsabilidade e aprende ao errar, que partilha esta aprendizagem com os outros, que reflecte e exige de si e dos outros em igual medida, que trabalha em cooperação e partilha. Por último, a autora aborda o tema dos “problemas e dilemas éticos” e oferece sugestões práticas de abordagem. É neste campo que a ética e a moral são

frequentemente confundidas e consideradas noções sinónimas, principalmente em países onde o conceito de moral está embebido de uma conotação religiosa. A autora propõe assim uma análise através da ética aplicada, com uma análise de casos cuja abordagem deve ser dedutiva e indutiva a fim de “manter permanentemente viva a ligação entre o campo da reflexão ética e o campo da vida moral” (p. 121). O objectivo não é o da criação de fórmulas a aplicar a cada situação, mas sim o da formação de uma identidade profissional que confere a cada participante a capacidade de reflectir, agir e dialogar colegialmente e de forma autónoma dentro dos parâmetros inerentes à profissão.

A quinta e última secção deste texto: *Ética e identidade profissional*, preocupa-se com o profissionalismo e o reconhecimento público. A autora alerta para a necessidade da imagem profissional ter que ser criada e gerida por todos os docentes, e sugere medidas a tomar para que a identidade profissional possa ser nutrida: através da partilha escrita e verbal de experiências, os docentes podem reflectir e partilhar “valores ético-profissionais” e “identidade colectiva”. Assim, é importante reflectir sobre e construir normas de referência para a profissão que articulem a prática a todos os níveis, e proporcionem a sua renovação.

A autora termina esta análise com breves considerações sobre a profissão, das quais merecem especial destaque: “Educar profissionalmente significa intervir, de forma intencional, racional e planificada, no desenvolvimento de outros seres humanos. (...) Obrigados a viver na linha de fronteira entre o pessoal e o profissional, os educadores precisam de referências éticas, de pontos de apoio, de valores que ajudem a estruturar um espaço de reflexão (...) colegialmente partilhado. (...) É preciso redescobrir o sentido, e o prazer, de ser professor, afirmando colectivamente novos espaços de autoridade profissional, de acordo com as exigências de uma sociedade educative que aposta na formação permanente de todos e de cada um” (p. 149).

Na minha perspective, Isabel Baptista, sem pretensões e sem retórica, faz em *Dar Rosto ao Futuro* uma abordagem crítica da prática docente tanto ao nível nacional, como ao nível internacional. Os temas são contemporâneos e de imediata aplicação tanto em Portugal como nos Estados Unidos da América, um contexto que me é mais familiar. A análise da profissão de docente é necessária num país (Portugal) onde o prazer de ensinar se desvanece e se torna ténue com as constantes mais ineficazes reformas e burocracias, e a instabilidade em torno da carreira docente; mas torna-se absolutamente imprescindível e urgente num país (EUA) onde a docência não é reconhecida como profissão, um país em que a formação de professores se preocupa (quase) exclusivamente com o pedagógico e raramente com o ético ou o deontológico.

Dar rosto ao futuro é recomendado a todos os docentes: passados, presentes e futuros.

Acerca da autora do livro: Isabel Baptista é doutorada em filosofia e membro fundador do Gabinete de Filosofia de Educação da Universidade do Porto, em Portugal. É docente do Instituto de Educação da Universidade Católica Portuguesa no Porto e tem como área primordial de investigação a ética e a pedagogia social. Isabel Baptista é ainda membro da direcção do Sindicato de Professores do Norte e conselheira nacional da Federação Nacional dos Professores.

Acerca da autora da resenha: Paula Frederica Hunt, natural de Coimbra, Portugal, onde se licenciou e exerceu como docente. Em 1991 emigrou para os Estados Unidos da América onde reside actualmente. Paula Hunt é professora de necessidades educativas especiais nos EUA à 15 anos, e encontra-se na fase inicial do doutoramento em educação especial na Michigan State University. Da sua área de investigação fazem parte a preparação de docentes para o ensino integrado, e a profissionalização da carreira nos EUA.

É favor contactar por e-mail: huntpaul@msu.edu

Resenhas Educativas/ Education Review publica resenhas de livros recém-lançados na Educação, abrangendo o conhecimento e a prática em sua totalidade.

Resenhas Educativas/ Education Review em português é um serviço oferecido, sem custos, pelo Laboratório de Políticas Públicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Todas as informações são avaliadas pelos editores:

•

Editor para Espanhol e Português

Gustavo E. Fischman

Arizona State University

e

Laboratório de Políticas Públicas (UERJ)

•

Editor Geral (inglês)

Gene V Glass

Arizona State University

•

Editora de Resenhas Breves (inglês)

Kate Corby

Michigan State University

As resenhas são arquivadas e sua publicação divulgada por meio da listserv (EDREV). Education Review é um signatário da Budapest Open Access Initiative.

